

# **PROCESSOS DE AVALIAÇÃO ESCOLAR NOS DIAS ATUAIS: AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS OU AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOS ALUNOS?**

---

Kariny Michelly Silva de Oliveira, UFPE

Priscila Amâncio de Aquino, UFPE

Elyane Cavalcanti dos Reis, UFPE

Flávia Priscila Pereira Paulino de Souza, UFPE

## **Resumo**

No presente artigo buscaremos desenvolver uma breve análise reflexiva acerca da práxis avaliativa escolar nos dias de hoje, levando em consideração os dados obtidos em uma entrevista aplicada a duas professoras atuantes no primeiro ciclo (1º e 3º anos) da Rede Municipal de Ensino do Recife. Foram utilizados como procedimentos metodológicos a análise bibliográfica e uma entrevista semiestruturada com as docentes. As participantes da entrevista foram direcionadas a responder vinte perguntas relacionadas ao processo avaliativo das aprendizagens dos estudantes, ao longo do ciclo. Os resultados apontaram que a prática avaliativa de ambas correspondia à perspectiva formativa de ensino-aprendizagem. Entretanto, foi verificado na prática educativa de uma das professoras, inclinação a avaliação do desempenho (comportamento) dos discentes, e não com a avaliação das aprendizagens dos mesmos.

**PALAVRAS CHAVE:** práxis avaliativa, sistema de ciclos, culturas solidárias.

## **Introdução**

Esse artigo tem como finalidade expor uma breve apresentação dos estudos realizados na disciplina de Avaliação da Aprendizagem, acerca do processo de avaliação escolar. Serão colocados em análise os estudos relacionados aos dados de uma entrevista aplicada a duas professoras da Rede Municipal de Ensino do Recife.

Esta produção se propõe a reflexão sobre a práxis avaliativa oriunda do ensino municipal – sistema de ciclos – a partir de uma análise interpretativa cuidadosa da prática didático-avaliativa das entrevistadas, atuantes nos: primeiro ano (1º) do primeiro ciclo e no último ano (3º) do primeiro ciclo.

Primeiramente, apresentaremos a definição de alguns termos que se mostram relevantes na complexa tarefa da compreensão do ato de avaliar, na atualidade. Dentre esses termos, relacionaremos os significados de medir e avaliar, conceituados a partir da língua portuguesa, e abordados por alguns estudiosos como sendo elementos causadores das principais tensões e contradições existentes no cenário educativo, relacionados à

avaliação escolar. Nesse contexto de contradições destacaremos que a avaliação não é uma medida, pelo simples fato de que o avaliador não é um instrumento, e porque o que é avaliado não é um objeto no sentido imediato do tema (HADJI, 2001). Além disso, serão pontuados alguns aspectos fundamentais para a construção de uma prática avaliativa significativa que expresse seus sentidos e finalidades (MENDEZ, 2002). Assim como a importante função reguladora das aprendizagens ao longo do processo formativo de ensino-aprendizagem (PERRENOUD, 1999).

As análises reflexivas apresentadas estão relacionadas a três pontos (eixos temáticos) principais abordados nas entrevistas das professoras: 1. Avaliação; 2. Aprendizagens e 3. Sistema de Ciclos.

Pretende-se, com esta divisão, chegar a uma formulação coerente da realidade educativa atual, levando-se em consideração uma prática avaliativa que se respalda na perspectiva formativa de ensino-aprendizagem.

### **Avaliar, nos dias de hoje, é...**

(Reflexões sobre a avaliação)

Ao se ouvir falar no termo avaliar, logo, vem à mente a ideia de medir e classificar por meio de testes e provas o desempenho e às habilidades dos alunos. Essa percepção acerca do ato de avaliar tem ganhado, por muito tempo, espaço significativo no contexto estudantil bem como é sinônimo de inquietação para muitos professores. Conforme, o dicionário Aurélio da língua Portuguesa, a palavra medir significa determinar, por meio de uma escala fixa, a extensão, a medida ou grandeza de... Ou seja, avaliar, calcular, pesar. Nesse sentido, percebe-se que o grande problema associado ao ato de avaliar consiste exatamente na natureza dos conceitos empregados ao longo dos tempos. Conceitos esses que trouxeram ao contexto educacional inúmeras contradições e inquietações aos alunos, educadores e profissionais envolvidos com as aprendizagens. As palavras avaliar e medir assume definições literais semelhantes na língua portuguesa, no entanto, no contexto educacional essas merecem receber uma nova configuração, no que diz respeito ao verdadeiro sentido e significância do avaliar às aprendizagens dos discentes. Mas o que é avaliar, então? Segundo Hadji (2001): Avaliar não é medir, mas confrontar em um processo de negociação. O autor defende a ação de avaliar como algo que envolve uma dimensão coletiva, onde todos os sujeitos das aprendizagens participam desse processo e favorecem a ocorrência das trocas

contínuas de experiências entre aluno e professor. Logo, compreende-se que o ato de avaliar não se concretiza pela simples ação de medir os desempenhos dos estudantes, porém envolve uma dinâmica permanente de acompanhamento das aprendizagens ao longo do processo educativo, valendo-se da capacidade formativa da avaliação escolar. Para Hadji (ibidem): o avaliador não é um instrumento de medida, mas um ator em um processo de comunicação social.

Diante dessas informações, é possível compreender o ensino, na atualidade, não apenas como o processo onde somente o professor é responsável pela transmissão de saberes, mas sim assumindo o compromisso de incentivar à curiosidade pela exploração dos conteúdos significativos para a apropriação do conhecimento. Para Mendez:

A tarefa da educação que surge dessa visão dinâmica do conhecimento é ajudar a quem aprende a desenvolver reflexivamente um conjunto de modos de pensamento ou modos de aprendizagem de conteúdos que são considerados valiosos na sociedade. Mais que uma resposta pautada em condutas específicas para identificar a realização de aprendizagens concretas a partir da perspectiva construtivista (visão que não deve ser reduzida a uma leitura exclusivamente psicológica), importa descobrir o que sabe quem aprende e como adquiriu tais saberes. (MENDEZ, 2002).

Avaliar, nesse contexto está além da aplicação de testes e provas, pois consiste numa tarefa muito mais complexa que envolve as capacidades reflexivas do professor sobre o papel da avaliação das aprendizagens dos seus alunos e ao mesmo tempo de se autoavaliar na sua prática educativa. Nesse sentido, ressalta Zabala:

Não basta apenas avaliar os conteúdos necessários do ensino, é preciso levar em consideração as aprendizagens alcançadas ao longo de todo o percurso educativo, valendo-se do aproveitamento dos conteúdos em amplo sentido: conceituais, procedimentais, atitudinais, autonomia, relações interpessoais, etc. É necessário avaliar em sentido amplo, lançando o olhar além das provas escritas, testes, atividades orais e comportamentos dos alunos. (ZABALA, 1998).

Nessa perspectiva, o ato de avaliar, por sua vez, se constitui como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, afinal, não se ensina sem avaliar, muito menos se aprende sem avaliar.

Na aplicação das entrevistas às professoras da Rede Municipal do Ensino do Recife, foram colocadas apenas algumas questões que abordaram a perspectiva que pretendemos expor na intenção de perceber como é pensado esse aspecto na realidade

escolar das docentes, e como é conduzido aos alunos levando em consideração às especificidades e diferenças sociais existentes no cenário educativo.

Para a discussão desse ponto, relacionando às análises das entrevistas, foi utilizada a seguinte sinalização, para se referir a cada professora entrevistada: (A) para a professora do 1º ano e (B) para a professora do 3º ano.

No questionamento nº1: Como você costuma fazer a avaliação de seus alunos? Foram colocadas as seguintes respostas pelas professoras:

(A): Costumo realizar avaliação diariamente, por meio de atividades desenvolvidas em sala de aula. Trabalho com sequências didáticas, o que facilita o meu trabalho. Quando elaboro um plano de aula levo em consideração os objetivos que pretendo atingir com os meus alunos.

(B): Através de atividades orais e escritas. Pelas participações dos alunos: em atividades de classe e casa, em debates, em questionamentos em sala de aula e provas.

Com base nessas respostas foi possível analisar que na fala de (A), a mesma faz utilização de instrumentos avaliativos coerentes (sequências didáticas) aos objetivos pretendidos (alfabetizar) ao longo do processo educativo. As atividades realizadas diariamente, em sala de aula, auxiliam a professora na obtenção de algumas informações úteis (indicadores) acerca das aprendizagens alcançadas ao longo do processo educativo. Enquanto, na fala de (B) foi perceptível que a professora pensa na avaliação da maneira tradicional, a preocupação maior é com a frequência participativa dos estudantes, a execução e cumprimento das atividades (escritas e orais), não se atribui muita importância ao que fora aprendido pelos sujeitos, como observado na fala de (A).

Ao serem colocados os questionamentos nº 4: Quais os critérios você utilizou para avaliar se a criança atingiu os objetivos durante o ano? e nº 5: Depois que você aplica a atividade avaliativa, como é a devolutiva para o aluno? Obtiveram-se respostas semelhantes, quanto ao critério (observação). No entanto, constatam-se os diferentes níveis de significações, quanto a esses critérios.

A professora (A) utiliza critérios de observação das aprendizagens, enquanto (B), critérios de observação de desempenho (comportamento). O acompanhamento das aprendizagens por (A) é feito diariamente, a partir da utilização de instrumentos avaliativos (leitura orais, diálogos, sequências didáticas, livros didáticos, gêneros textuais diferenciados, caça-palavras, confecção de cartazes, etc.), mencionados no item nº 2 da entrevista, que lhe auxiliam na dinâmica de visualizar e avaliar o nível de

aproveitamento de cada aluno, no que se refere à tarefa de alfabetização. Assim, também foi percebido que em (A) a preocupação não se limita a simples execução das atividades cotidianas pelos alunos, como visto em (B). A professora (A), por meio de conversas informais e rodas de diálogo, vai apresentando aos alunos os avanços e dificuldades de aprendizagem, percebidos ao longo do processo de alfabetização. É interessante considerar que a professora (A) também leva em consideração o papel do reforço (elogios) na sua prática educativa.

Logo, a tarefa de avaliar, como dito anteriormente, não se restringe a simples aplicação/execução mecanizada de atividades diárias, que somam pontos ao final do ciclo. Conforme, Hadji:

Efetivamente, o trabalho não é o verdadeiro objeto da avaliação. Ele é apenas um pretexto, uma ocasião, para apreender algo que é próprio ao aluno-produtor, e que se espera ter construído e/ou desenvolvido nas sequências de ensino que procederam. (HADJI, 2001).

Assim, não se trata de medir o aluno, mas conseguir, por meio do mesmo extrair e/ou compreender em que medida ele corresponde às expectativas, afinal, jamais se chegará a uma avaliação séria se não houver a utilização de instrumentos avaliativos adequados.

## **1. Avaliação das aprendizagens ou dos sujeitos?**

(Reflexões sobre as aprendizagens)

Ao se pensar em avaliação, logo se pensa nas seguintes proposições: qual papel desempenhado pela avaliação no processo de ensino-aprendizagem? Qual o seu sentido e qual a sua finalidade no contexto educativo? (MENDEZ, 2002). No cotidiano escolar, é bem comum a existência de dúvidas quanto às respostas para essas perguntas.

Ao encarar a avaliação como algo formativo, se faz necessário refletir qual o verdadeiro papel da avaliação na vida dos sujeitos envolvidos na educação, afinal, a avaliação de caráter formativo compreenderá os diversos caminhos de formação do estudante, bem como servirá de espelho para a prática do professor. Avaliar formativamente implica entender que cada sujeito possui seu próprio ritmo de aprendizagem e, assim, cargas distintas de conhecimentos.

No item nº6 das entrevistas: Quando você percebe que a maioria dos seus estudantes não compreendeu determinado conteúdo, o que você costuma fazer? Relacionado às dificuldades de aprendizagens, não foi possível perceber coerência na resposta da entrevistada (B) quanto à preocupação com as aprendizagens: É feito o comentário por eles (se gostaram ou não, se foi fácil ou não) e depois por mim, dando o resultado positivo ou negativo. O foco existente na fala da mesma consiste em atribuir um resultado, ou seja, o desempenho dos alunos, mas quanto à consideração devida às aprendizagens, não há ênfase por parte da professora entrevistada, principalmente na resolução das falhas apresentadas no processo de ensino-aprendizagem.

Em relação à fala da professora (A), foi claro perceber a importância dada ao feedback no tratamento das dificuldades de compreensão apresentadas pelos alunos. Perrenoud (1999) explica que este se traduz numa importante ferramenta no processo da regulação das aprendizagens.

Explica a professora (A) que vai tentando intervir, da melhor forma possível, nas dificuldades dos alunos, a partir das conversas realizadas com eles. Destaca que a turma é bastante participativa e, por isso, ela pede que seus alunos expliquem o que foi entendido, para em seguida realizar as intervenções necessárias.

É formativa toda a avaliação que ajuda o aluno aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo (ibidem, 1999).

Nesse sentido, compreende-se a importância vital do processo de acompanhamento das aprendizagens dos alunos, tanto pelos professores quanto pelos alunos, afinal, o discente também precisa conhecer quais são suas limitações e aprender com a ajuda do professor a trabalhá-las ao longo do processo educativo. Desse modo, pode-se considerar que avaliação formativa é, portanto, uma avaliação informativa do nível de aprendizagem e das necessidades de cada sujeito.

Quanto ao aspecto do registro das aprendizagens dos alunos (item nº 8 da entrevista), foi destacado pela professora (A) que este se faz diariamente na caderneta escolar e por meio do planejamento. Já em (B), destacou-se que esse é feito por meio das anotações no diário de classe e das anotações que se fazem à parte. Em relação à frequência desses registros de aprendizagens (item nº 9 da entrevista), foi destacado por (A) que esses registros são feitos diariamente. Enquanto, em (B) o registro no diário de classe é realizado bimestralmente.

A partir dessa perspectiva, é válido considerar que o desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes, dependerá muito dos múltiplos fatores que se encontram frequentemente entrelaçados no contexto educativo dos quais são orientados pela ação interativa dos sujeitos atuantes na esfera escolar, em especial os professores.

As aprendizagens, por sua vez, devem estar situadas no plano da regulação, pois, essa não se constitui como um momento específico da ação pedagógica em que se atribui somente uma nota final ao aluno, mas algo inerente a esta ação e componente permanente dela. (PERRENOUD, 1999).

## **2. Ciclos de aprendizagens**

(Reflexões sobre o sistema de ciclos)

Em tempos de globalização, a escola experimenta um momento novo na sua existência, momento esse marcado por forte turbulência e dúvidas, ocasionadas pela ruptura da lógica escolar. Nessa nova fase, por sua vez, é acompanhada por uma nova dinâmica, pressupondo-se um destaque maior para a criação de culturas solidárias no seio escolar (JANSSEN, 2011).

A proposta de Ciclos de aprendizagem, fundamentada na necessidade do rompimento de práticas tradicionais excludentes de ensino (reprovação), surge na perspectiva de garantir a inclusão de culturas e o respeito à diversidade, nos dias atuais.

Nessa perspectiva é avaliada como algo inovador e favorável à educação atual, essa proposta orienta o professor a pensar numa educação que privilegie as subjetividades de cada indivíduo social e, ao mesmo tempo, se torne algo acessível a todos.

Nas falas das entrevistadas (A) e (B), relacionadas ao item nº 19 acerca da reprovação: Em sua opinião, quais seriam as maiores vantagens e desvantagens da reprovação? Ambas se mostram contra a reprovação dos estudantes, embora havendo por parte de (B), o frágil argumento de que a reprovação pode sim trazer algum benefício ao aluno. Ainda relacionando as falas das entrevistadas no item seguinte (nº 20): O que mais te incomoda no processo avaliativo? Foi observada uma nítida semelhança nos pontos de vistas, na fala de ambas: O que mais incomoda é o fato dos alunos não conseguirem aprender. O que é um ponto considerado ainda delicado, em relação ao sistema educacional, pois, fica à margem o seguinte pensamento: e o que tem sido feito diante dessa realidade escolar?

Diante dessa problemática exposta pelas entrevistadas, pode-se considerar o seguinte pensamento de Janssen (2011): Nos Ciclos de Aprendizagem, a responsabilidade sobre as dificuldades do ensino e da aprendizagem é de todos, independentemente de quem as apresente. Logo, o problema referente às aprendizagens citado tanto por (A) quanto por (B), está diretamente relacionado ao não entendimento dessa consciência pelas próprias professoras. Nesse sentido, Janssen explica que:

Os ciclos de aprendizagem servem para ordenar o tempo em unidades maiores e mais flexíveis, não perdendo as exigências acadêmicas para aquele período, levando em consideração o tempo de aprendizagem de cada aluno. (JANSSEN, 2011).

Assim, o êxito da implantação dos ciclos, porém, dependerá de inúmeros fatores interligados entre si, dos quais vão desde a formação inicial e continuada dos professores até a prática pedagógica em sala de aula e o respeito às pluralidades socioeconômicas e culturais existentes no contexto educativo.

### **Considerações finais**

Esse estudo propôs a analisar e refletir sobre a práxis avaliativa oriunda do ensino municipal – sistema de ciclos – a partir de uma entrevista semiestruturada a duas professoras atuantes no primeiro ciclo de aprendizagem. A análise dos resultados apontou que a prática avaliativa das docentes segue, a passos lentos, rumo à perspectiva formativa compreendida na atualidade. Embora, tenham sido apresentadas algumas contradições visíveis na prática avaliativa da professora (B), compreende-se que tal ocorrência nada mais é que um fenômeno decorrente da adaptação à nova dinâmica de avaliação escolar.

O sistema de ciclos, por sua vez, foi algo que trouxe grande inovação à esfera educativa, assim como algumas incertezas. No entanto, é preciso levar em consideração a sua recente implantação no cenário educativo.

As falhas decorrentes da má implantação do sistema, infelizmente, ainda podem ser perceptíveis na prática avaliativa de alguns professores, porém, essas não podem traduzir, em sua totalidade, a significância do sistema em si, para a educação como um todo.

Sabe-se que muitas conquistas já foram alcançadas, como é o caso do rompimento da reprovação, e a implantação de uma nova forma de perceber o sujeito



em aprendizagem. Nesse contexto, se faz necessário deixar-se envolver nessa nova consciência e permitir que professores e alunos compreendam o verdadeiro sentido de suas existências no contexto educativo social. Afinal, as aprendizagens significativas só poderão acontecer a partir do momento em que houver a consistência da consciência interativa e coletiva de todos os atores sociais envolvidos na educação.

Em termos gerais, compreende-se que a complexo e intenso ato de avaliar é algo que está inerente ao processo de ensino-aprendizagem, pois, não se pode ensinar sem avaliar, nem aprender sem avaliar-se.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CRUZ, Fátima Maria Leite. Avaliação das aprendizagens: processos de acompanhamento e práticas propositivas. In: \_\_\_\_\_. (org). *Teorias e práticas em avaliação*. Recife: Universitária, 2010.

DEPESBITERIS, Léa. *Diversificar é preciso... Instrumentos e técnicas de avaliação da aprendizagem*. São Paulo: SENAC, 2009 (pp. 41-182).

FERNANDES, Domingos. Dos Fundamentos e das práticas. Da Avaliação como medida à avaliação alternativa (AFA). In: *Avaliação das Aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto-Editores, 2005.

FREITAS, Liz Carlos de. Ciclos, Seriação e Avaliação. Confronto de Lógicas. São Paulo: Moderna, 2003 (pp. 40-50).

HADJI, Charles. *Avaliação desmistificada*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMAN, Jussara. *Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MENDEZ, Juan Manuel Álvarez. Natureza e sentido da avaliação. In: Avaliar para conhecer: examinar para excluir. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. Uma abordagem pragmática da avaliação formativa. In: \_\_\_\_\_. *Avaliação. Da excelência à Regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SILVA, Janssen Felipe da. Ciclos de Aprendizagens e as implicações na avaliação do ensino e da aprendizagem: novas exigências e velhos limites. In: MELO, Cinthya Torres & BARROS, Ana Maria de. *Formação de professores e processos de ensino e aprendizagem*. Recife: Universitária da UFPE, 2011.

VARJAL, Elizabeth. Avaliação das aprendizagens na escola inclusiva. In: *Anais da Conferência Municipal de Educação de Moreno*. Pernambuco, 2007 (no prelo).

ZABALA, Antoni. A Avaliação. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998 (pp. 195-221).